
MOVIMENTOS

RELIGIOSOS

TOTALITÁRIOS

Sílvio José Benelli

Resumo: nossa pesquisa visa estudar a produção de subjetividade em instituições e estabelecimentos católicos dedicados à formação religiosa de seus membros. Neste artigo, analisamos as características comuns e as práticas formativas institucionais gerais de alguns movimentos religiosos. Esses movimentos, no contexto eclesial católico atual, podem ser caracterizados por fanatismo, crescimento rápido e vigoroso, ausência de prestação de contas e segredo quanto à sua estrutura interna. Elaboramos uma análise do dispositivo institucional e de seus efeitos psicossociais.

Palavras-chave: Psicologia e religião católica, movimentos religiosos, subjetividade, institucionalização, fanatismo

INVESTIGAÇÃO DE INSTITUIÇÕES TOTAIS DE CARÁTER RELIGIOSO

A importância científica da infância foi admitida somente quando a Psicologia descobriu que os primeiros anos de vida são significativos em si mesmos e não devem ser considerados apenas como uma simples etapa de preparação para a vida adulta. A condição de alguém que vive como internado numa instituição deve ser considerada de modo igualmente relevante em si mesma. Sua vida real, atitudes, idéias, sentimentos e conduta devem ser estudadas nesse contexto institucional. Acreditamos que o período de enclausuramento em um ambiente especial pode constituir uma parte significativa do período da vida total do indivíduo. Esse tempo no qual o indivíduo vive como internado pode (re)configurar sua subjetividade e se configura como

um tema de estudo apropriado em si mesmo. A condição de internado, seja num hospital geral ou psiquiátrico (BENELLI; COSTA-ROSA, 2003a), numa prisão (GOFFMAN, 1987; FOUCAULT, 1999), num colégio interno (BENELLI, 2002; 2003a), num convento ou seminário (BENELLI, 2003b; BENELLI; COSTA-ROSA, 2002; 2003b), ou em estabelecimentos dirigidos por grupos religiosos leigos (URQUHART, 2002) nos parece relevante em si mesma como um assunto que merece ser estudado e compreendido.

Entre as práticas sociais de modelagem da subjetividade, a internação em instituições totais (CASTEL, 1978; GOFFMAN, 1987; FOUCAULT, 1999) tem sido historicamente uma estratégia extremamente freqüente. Essas instituições foram e continuam sendo utilizadas como agências produtoras de subjetividade, modelando-a de acordo com o contexto institucional ao promover relações peculiares entre dirigentes e internados no conjunto das práticas institucionais.

Nossa pesquisa tem como objetivo investigar a subjetividade produzida no contexto institucional tipicamente religioso (BENELLI, 2003b, 2003c; BENELLI; COSTA-ROSA, 2002, 2003a, 2003b). Procuramos situá-la no nível das relações que se estabelecem entre dirigentes e internados, no conjunto das práticas institucionais. Especificamente, procuramos situá-la em dois níveis: nível das práticas não-discursivas, mediante a observação participante do cotidiano institucional, da atuação concreta e da interação efetiva dos atores; e nível das representações que o discurso dos internos permite entrever, por meio de entrevistas psicológicas gravadas. O movimento de nossa análise vai do comportamento manifesto ao discurso, na busca de captar as relações instituídas e vivenciadas imaginária e simbolicamente (BENELLI, 2003b).

O ambiente ou contexto institucional é pensado como o conjunto das práticas institucionais, sobretudo em sua articulação com as representações, as concepções ou imagens das relações vividas. Para tal, é necessário compreender o indivíduo internado como ocupante de uma posição numa estrutura de relações formada por vários lugares instituídos, posição essa que permite a representação de si e dos outros. Desse modo seria possível compreender a subjetividade dos internados nas relações assim estruturadas, simbolizadas e imaginadas no cotidiano da instituição. Procuramos então pensar a subjetividade com base na observação e na análise das representações dos discursos dos internados.

Concebemos as instituições como práticas sociais que, em sua particularidade, existem pela ação dos que cotidianamente as fazem e pelo reconhecimento desse fazer como uno, necessário, justificado. Para estudá-las, faz-se necessário estabelecer distância entre o real e o discurso analítico e entre

as distinções dos planos em que este discurso se dá ou em que se propõe a compreender as relações concretas. É possível conhecer a instituição a partir de uma certa concepção do que ela seja e torna-se inevitável um recorte desde a perspectiva em que se constrói o conhecimento.

Nossa análise parte de uma bibliografia variada, mas sobretudo de um relato escrito (URQUHART, 2002), daí a necessária recorrência a este autor na mesma obra. No seu relato é perfeitamente possível distinguir o que são dados de experiência, vivência e observação, daquilo que é sua própria análise de dados. A riqueza de elementos descritivos nos parece um dos aspectos mais relevantes dessa obra. Trabalhamos com base no seu depoimento pessoal, fazendo de sua experiência no Movimento Focolare um caso singular (AGUIAR, 2002). Nele procuramos verificar como funciona a instituição (grupo religioso), como é a vida no próprio estabelecimento e como o sujeito a experimenta, entende e responde a ela. Urquhart se indispõe com o movimento, questionando seus princípios, métodos e efeitos. Isso é esperado, caso contrário poderíamos não ter relato algum; perguntamos como poderia ser a descrição do Movimento Focolare realizada por alguém que conseguiu aderir sem maiores questionamentos. Pensamos que isso talvez introduzisse variações nos dados, mas não deixaria de ser, do mesmo modo, um relato com forte implicação subjetiva de seu autor.

O que é um caso singular? É possível justificar uma reflexão e análise dos processos de funcionamento e de produção de subjetividade de um conjunto de instituições de formação religiosa com características semelhantes, com base em um único relato, se concebermos a hipótese de que não se trata de caso isolado, um caso idiossincrático, mas, pelo contrário, de um caso singular (AGUIAR, 2002). Para Rey (1999, p.156),

O estudo do caso singular adquire seu valor para a generalização pelo que é capaz de aportar à qualidade do processo de construção teórica, não por seu valor em termos de quantidade. Esta afirmação é expressão de uma compreensão diferente do conceito de generalização [...].

Para Lacan (1980) o que faz a singularidade de um caso, é o caráter manifesto, visível, das relações em jogo; seu valor de evidência é superior à própria demonstração abstrata. Segundo estes autores, um caso é considerável singular, na medida em que encerra as informações essenciais sobre as características básicas do fenômeno que procuramos compreender, e sobre os processos que aí estão em ação. O estudo de singularidade nos permite captar as determinações constitutivas do fenômeno:

O conhecimento produzido a partir de um sujeito, uma escola, um grupo, constitui-se pois, em uma instância deflagradora da apreensão e do estudo de mediações que concentram a possibilidade de explicar a realidade concreta (AGUIAR, 2002, p.139).

Como veremos, o conjunto a que pertence a instituição que iremos analisar possui características e modo de funcionamento bastante congruentes com aquele que, já há bastante tempo, foi definido como instituições totais (GOFMAN, 1987; BENELLI, 2002, 2003a).

Portanto, se ficar demonstrado que a instituição aqui estudada possui as características das instituições totais, e visto tratar-se de uma instituição religiosa, cremos estar suficientemente indicada a possibilidade de sua representatividade em relação a um conjunto amplo de instituições religiosas com características de instituições totais (BENELLI; COSTA-ROSA, 2002; 2003a; 2003b). É nessa perspectiva que tomamos o relato de Urquhart (2002) como descritivo das características da instituição Movimento Focolare, e dos processos de subjetivação de que são objeto os sujeitos que aceitam ingressar nele.

CARACTERÍSTICAS COMUNS DOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS TOTALITÁRIOS A PARTIR DE UM CASO SINGULAR

Esses movimentos religiosos estão construindo grupos sociais, coletividades inteiramente fechadas sobre si mesmas, auto-suficientes, já sendo capazes de organizar negócios (QUARTANA, 1992) e povoados autônomos e não contaminados pelo ambiente externo. Cidades de testemunho (LUBICH, 2003a; 2003b; FONDI; ZANZUCCHI, 2004), vilas absolutamente livres dos entraves do mundo moderno e pós-moderno são construídas como redutos de neocrisandade, servindo como exemplos de solução religiosa cristã para os problemas do mundo, numa reedição da antiga “fuga do mundo” (COMBLIN, 1999, p.148-9; URQUHART, 2002, p. 16).

Partindo de suas utopias particulares, eles recuperaram o triunfalismo típico da Igreja anterior ao Concílio Vaticano II (LIBÂNIO, 1984). Podem ser considerados grupos integristas (COMBLIN, 1999; BRIGHENTI, 2001; LIBÂNIO, 2003), pois querem impor sua solução religiosa para todos os tipos de problemas. Retornam assim ao clássico dualismo Igreja-mundo, promovendo comunidades intencionais inseridas e, ao mesmo tempo, impermeáveis ao contexto cultural onde se localizam.

Como esses grupos procedem com seus membros? Eles os submetem a uma doutrinação rigorosa, levando-os a rever toda sua existência e o mundo

à luz da ideologia do movimento. Trata-se mesmo de subculturas no amplo contexto eclesial católico, geradoras de terminologia conceitual, rituais, gestos, costumes, práticas espirituais e sociais específicas e incompatíveis entre si.

Estes novos movimentos eclesiais têm diversas características comuns. Há normalmente um culto intenso da personalidade do líder, uma hierarquia disfarçada, quase invisível, mas rígida e autoritária, um sistema de comunicação interno eficiente, utilização um processo de ensino secreto seriado em diferentes estágios, prática de operação de recrutamento baseada em técnicas semelhantes à de seitas e grupos fanáticos, promovendo uma doutrinação dos participantes e alimentando ambições de influência ilimitadas na Igreja Católica e na sociedade. Esses movimentos desenvolvem uma militância antiintelectual (LIBÂNIO, 2003) com desvalorização da dimensão racional, da leitura e do estudo, da reflexão e da análise. Põem uma grande ênfase na supremacia da experiência sobre a razão crítica, exigindo uma entrega incondicional do indivíduo às estruturas e práticas do movimento. Os novatos são encorajados a aceitar, seguir e praticar os ensinamentos do grupo, explicando que o entendimento e compreensão virão depois (URQUHART, 2002).

É comum que os membros permanentes do grupo mantenham uma certa reserva, mostrando-se vagos, silenciosos ou totalmente fechados a respeito das crenças, dos objetivos, solicitações e atividades, esperando que o novato se mostre aberto, vulnerável e entre no jogo, aderindo ao movimento. O adepto potencial dos movimentos intra-eclesiais católicos corre mais risco, pois os agentes proselitistas podem se apresentar com autorização e bênção aparente das autoridades eclesiásticas.

Os membros do grupo são convencidos de que têm uma tarefa messiânica para realizar no mundo e todas as suas energias pessoais são orientadas para atividades de militância missionária de caráter nitidamente sectário e proselitista. Tais grupos religiosos crêem que o futuro da Igreja e do mundo inteiro está em suas mãos. Buscam aqueles que estão longe da Igreja, os não-crentes e até mesmo os ateus que combatem a religião católica, num incansável afã missionário.

Tais movimentos religiosos católicos têm a ambição de criar uma nova ordem mundial (URQUHART, 2002; LUBICH, 2003a, 2003b; FONDI; ZANZUCCHI, 2004). Contando com imensos recursos econômicos e com participantes doutrinados, vão obtendo sucesso na política, na mídia e na esfera econômica. Seu objetivo é impor à maioria seus pontos de vista particulares. Aqueles que estão fora do movimento são considerados pagãos, mesmo que sejam católicos, porque não têm o engajamento total dos mem-

bros. Atualmente, no contexto eclesial, gozam de uma completa liberdade de ação, são economicamente muito poderosos e estão isentos de críticas, avaliação e controle contábil (UQUHART, 2002).

Esses movimentos religiosos são totalitários, mesmo prescindindo das paredes que usualmente significam o limite e ruptura com o mundo externo. Consideram o primeiro encontro do indivíduo com o grupo como momento fundamental, uma virada crucial e o início de uma caminhada especial de conversão e santificação pessoal. Como num rito de passagem, há a criação de uma lenda entre o antes e o depois da experiência: o passado é reinterpretado negativamente, como um período de trevas e perdição, eventualmente de busca e procura, que culmina no encontro com o movimento que trouxe a chave e a solução para todas as questões, luz ofuscante que permite ver instantaneamente as respostas pelas quais ansiava tanto.

Para se diferenciar dos demais, um movimento pode criar uma con-signa que é utilizada pelos membros para descrever sua doutrina. Os participantes do Neocatecumenato denominam seu grupo de Caminho, os Focolare falam em encontrar o Ideal (LUBICH, 1987; 2003a, 2003b; FONDI; ZANZUCCHI, 2004). O uso de um jargão cheio de neologismos é útil para confundir o novato, fazendo com que ele se mantenha aberto para aceitar idéias que não são absolutamente fundamentadas. A linguagem típica dos movimentos, seu código elaborado é capaz de evocar nos participantes toda uma ampla gama de sentimentos, construindo um universo particular e exclusivo do grupo. Também são criadas palavras-gatilhos que dependendo das circunstâncias em que são enunciadas, podem disparar comportamentos e sensações de culpa, obediência ou vínculo e integração. Essa nova terminologia dá um aspecto de novidade à doutrina, mas ao mesmo tempo, torna praticamente impossível a comunicação coerente com quem não partilhe do dialeto grupal (URQUHART, 2002, p.34-5).

Existem também códigos de comportamento que identificam os membros dos movimentos (URQUHART, 2002). Os focolarinos, por exemplo, devem envergar o sorriso como uma farda, sorriso largo e uma felicidade, uma alegria obrigatória, especialmente em reuniões abertas. Essa diretiva não depende do sentimento, é uma obrigação ostentar alegria sorridente. Com o tempo, tal comportamento torna-se automático. Devem manifestar um interesse ostensivo quando assistem a uma conferência do movimento, podem adotar uma cadência padronizada na fala. Tais mudanças são indicadores das transformações que a participação no grupo produz no indivíduo:

Um membro do Focolare pode ser lanciato (esperto), que significa frenético, entusiasmado pela atividade missionária; ou marian (como a Virgem Maria): calmo, gentil, de movimentos lentos e graciosos, servindo sempre sem ser intrrometido. Os padrões de comportamento são adotados pelos membros de modo consciente ou inconsciente (URQUHART, 2002, p. 37).

Estes novos movimentos religiosos criam centros, casas ou apartamentos comuns (LUBICH, 2003) nos quais vivem os membros que têm uma dedicação integral ao movimento (tendo emitido votos de pobreza, castidade e obediência). Eles vivem juntos e organizam as atividades de proselitismo do grupo. Tais casas obedecem a um esquema rígido de segregação por sexo, tal como ela se verifica na maioria da organização institucional do movimento. Mudança de nome dos novos membros que acedem ao estatuto permanente também pode acontecer (FONDI; ZANZUCCHI, 2004).

Os líderes desses novos movimentos religiosos apelam para uma missão especial que receberam de Deus, um carisma (dom) específico que lhes foi delegado para ser implementado e desenvolvido (LUBICH, 1987, 1991, 2003a, 2003b; PRADA, 1989; PASOTI, 1999). Eles caracterizam suas obras com traços bastante pessoais, tornando-as cheias de idiosincrasias (URQUHART, 2002).

O carisma, o dom que o fundador recebeu de Deus, é utilizado para salvaguardar a supremacia do líder carismático como fonte original da doutrina e da autoridade dentro da sua organização (LUBICH, 2003a, 2003b; FONDI; ZANZUCCHI, 2004). O carisma é como um selo de qualidade que autentica o valor e pureza da mensagem que só pode ser transmitida da maneira correta estabelecida pelo movimento (ortodoxia) e pelas pessoas por ele autorizadas (hierarquia piramidal) (VERONESI, 1988; ZANZUCCHI, 2004). Além disso, o carisma próprio serve como escudo e defesa do movimento contra a possível interferência de estranhos, inclusive das autoridades eclesiásticas da Igreja Católica.

O 'carisma' também permite aos fundadores pronunciarem-se autoritariamente sobre tudo, não apenas em assuntos que dizem respeito à alma, e faz com que as idéias deles tenham para os membros a mesma força de convencimento que seus ensinamentos de ordem espiritual. Esta dimensão de onisciência do carisma reforça ainda mais a mentalidade de fortaleza que reina nos movimentos, isolando-os do resto da sociedade na crença de que eles têm todas as respostas para todos os problemas concebíveis (URQUHART, 2002, p. 47).

Um intenso culto da personalidade do fundador é a tônica comum nestes movimentos (VERONESI, 1988; PRADA, 1989; LUBICH, 1991; PASOTI, 1999; URQUHART, 2002). Os membros permanentes alimentam esse comportamento nos novatos, utilizando técnicas de sugestão junto a eles, durante uma apresentação do líder, seja ao vivo, em filme ou mesmo ouvindo conferências gravadas. Perguntam, por exemplo: “Você não sente que ele/ela é seu pai/mãe? Você está feliz?” procurando cativar o novato, criando todo um clima emocional forte, seja no sentido patriarcal ou matriarcal, dependendo do sexo do fundador.

O objetivo é elevar aquela pessoa inicialmente estranha ao novato, ao posto de ser fundamental na existência, assumindo o papel de líder espiritual do indivíduo e passando a ocupar o primeiro e central lugar no amor do ingressante. Os ensinamentos do líder fundador são considerados sagrados e fonte insubstituível de alimento para seus discípulos e seguidores (LUBICH, 1987, 1991, 2003a, 2003b; FONDI; ZANZUCCHI, 2004). É preciso ficar meditando constantemente e tentando pôr em prática na vida cotidiana suas orientações:

Quando visitei o Focolare Centre pela primeira vez, fiquei chocado com um fato estranho: em vez de entrar em contato direto com o pessoal do Centro, onde certamente havia muitos especialistas do movimento, eles me faziam ouvir fitas e mais fitas de Chiara. Para os novatos aquilo era esquisito, laborioso e extremamente chato. No entanto, eles consideravam vital para que os membros pudessem ouvir a própria voz de Chiara Lubich, mesmo que fosse preciso traduzir o que ela estava dizendo. Eu fiquei traduzindo estas fitas para visitantes – algumas vezes com a audiência de uma única pessoa – exatamente até a véspera de minha saída do Focolare (URQUHART, 2002, p. 44).

Ideologicamente, o líder do movimento e seus assessores diretos e subordinados insistem na unidade do movimento, ensinando e inculcando que todos constituem uma única alma, em cujo centro está o líder fundador. Suas preocupações devem obrigatoriamente ser a de todos e de cada membro do grupo, num grande processo fusional.

No final de 1980, Chiara lançou uma publicação intitulada Santa Jornada, o que queria dizer que todos os membros internos do movimento tinham que se tornar santos. Curiosamente, isto tinha que ser conseguido pela força de uma conferência quinzenal que reunia

cerca de cinquenta centros do movimento 'ligados' entre si no mundo inteiro. Durante a conferência, a própria Chiara apresentava uma comunicação que era a tônica daquilo que deveria 'ser posto em prática' pelos membros até à conferência seguinte. Esta 'teleconferência' naturalmente restringe qualquer possibilidade de uma vida espiritual pessoal, mas confirma o conceito de 'unidade' (URQUHART, 2002, p. 45).

Além de farta atividade editorial (LUBICH, 2003a; 2003b), é típico de tais movimentos a produção, a circulação interna oficiosa de textos secretos, de escritos não-publicados, de uso privado, que tendem a vir a lume expurgados ou em versões censuradas, pois são considerados demasiado fortes para o público em geral. Tais escritos costumam tratar de visões, de experiências místicas dos líderes fundadores também podem expressar as suas perspectivas mais radicais, menos ortodoxas e às vezes, mais delirantes.

Ao participar de reuniões introdutórias, de palestras e eventos do movimento, é comum que o novato fique deliberadamente desinformado de tudo o que acontece nos bastidores, encorajado a permanecer totalmente passivo e receptivo. Os organizadores podem empregar técnicas sofisticadas para a destruição do ego, num processo de autodestruição, etapa inicial de demolição, reforma e reconstrução pessoal numa dependência total do grupo. Isso pode ser realizado por constantes mensagens chocantes, de tom predominantemente negativo quanto à natureza humana, pecaminosa e condenada à perdição eterna. Também é possível manter os novatos em estado de alta sugestibilidade, através da suspensão do tempo de sono adequado, de um regime alimentar enfraquecedor, de exercícios espirituais de grande intensidade, de doutrinação repetitiva e de experiências de grupo bem controladas, visando criar o clima específico para a conversão e ingresso dos iniciantes.

Entendemos que estes movimentos são instituições e que sua produção social não é apenas negativa, no sentido da repressão e da modelação do indivíduo de acordo com seus critérios. Pensamos que eles produzem subjetividade, embora seja fácil observar que se trata de uma subjetividade serializada, marcada pela uniformização massificante, o que também alinha essa mesma produção com a manutenção do *status quo* social (BENELLI; COSTA-ROSA, 2003; COSTA-ROSA, 2000).

Uma técnica clássica para manter um membro preso a uma determinada organização é a da confissão pública, na qual o indivíduo é estimulado a descrever minuciosamente suas ações pecaminosas, numa exposição intensa de si mesmo para a assembléia. Pode-se orientá-lo a descrever seu comportamento antes e depois

do ingresso no grupo, sua conduta com relação ao dinheiro, ao trabalho, à dimensão emocional, casamento etc. A confissão pública dá maior controle aos líderes com relação aos membros do grupo.

Escolher indivíduos e submetê-los a técnicas de pressão psicológica intensa é prática usual dos novos movimentos, especialmente pelo Neocatecumenato, levando pessoas para fins de semana em ambientes retirados da convivência social rotineira. Encontros, Convivências podem ser ocasiões para que os novatos sejam submetidos aos tipos mais duros de pressão, de acordo com prescrições detalhadas fornecidas pelas autoridades do grupo (URQUHART, 2002). O Focolare é menos agressivo, “escondendo discretamente seu punho de ferro envolvendo-o numa luva de veludo, de calor e de sorrisos” (URQUHART, 2002, p. 51):

Como a estrutura do Focolare não é baseada em paróquias, seus principais meios de proselitismo são encontros abertos e contatos pessoais. Convencidos de que o destino do movimento é unir o mundo, e que ele possui a plenitude da verdade, os membros do Focolare consideram qualquer pessoa, não apenas católicos ou cristãos, como um alvo válido.

O indivíduo, uma vez contagiado pelo carisma com o qual entrou em contato, torna-se por sua vez, missionário, encarregado de transmitir o dom que recebeu, contagiando a outros, mediante a utilização de uma discreta técnica de cultivo dos possíveis novos adeptos:

Estas imagens tiradas da agricultura são usadas para sugerir uma técnica de aproximação sutil que revela suas verdadeiras intenções muito gradualmente. Quando eu era membro, nós considerávamos que nosso trabalho imediato, ou o estudo dos fatores ambientais, constituía o principal campo de ação em que era possível exercer este trabalho de preparação da terra e semeadura. Recebíamos orientação para não falarmos logo do movimento. Em vez disto, tínhamos que procurar nos identificar ao máximo com aqueles que encontrávamos, ‘tentando nos tornar um deles’. Isto significava que devíamos escutá-los, nos interessar pelos problemas deles, concordando com eles em tudo o que fosse possível, compartilhando seus gostos, tornando-nos amigos íntimos. Mas em tudo isso não havia nada de absolutamente espontâneo. Nós estávamos sob pressão constante, no sentido de que deveríamos voltar com resultados, a até mesmo entregar ao grupo os convertidos.

De cada membro do movimento se esperava que pudesse trazer seu 'cacho' de membros potenciais que ele ou ela estava cultivando. O esforço maior deveria ser exercido sobre aqueles que nós sentíamos ter maior potencial como iniciados (URQUHART, 2002, p. 51-2).

Transformar-se em um deles, mostrando-se excessivamente e impropriamente amistosos, cumulando as pessoas de atenção, numa estratégia denominada bombardeio de amor tem como objetivo ganhar convertidos. O comportamento dos membros permanentes é consciente e consistentemente orientado pelos ensinamentos do grupo, e não por opções ou sentimentos pessoais, que sempre podem decepcionar, devendo ser simplesmente extirpados.

Era importante ganhar a confiança de nossos alvos missionários, e só a eles confiar exatamente aquilo que estivessem em condições de aceitar, de modo a evitar que eles ficassem de fora. Nós não devíamos assumir a atitude de professores, o que podia provocar rejeição; e, se a outra pessoa nos rejeitasse, todo nosso trabalho teria sido em vão. Embora fôssemos muito cautelosos quanto a mencionar religião ou o movimento em primeiro lugar, o objetivo final era muito claro: quando parecer que chegou o momento certo (o candidato) será posto em contato com outros, de maneira que ele possa sentir-se parte de um corpo vivo e possa enriquecer com as experiências de outros. A partir daí, a meta é a inserção na comunidade (URQUHART, 2002, p. 53).

Mas é fundamental que tal trabalho de cultivo seja extremamente sutil, pois não se trata de oferecer amparo ou proteção aos demais. As pessoas são vistas pela ótica do movimento e elas interessam exclusivamente por causa de sua potencial e eventual contribuição à própria instituição. Estes movimentos religiosos se caracterizam por uma perspectiva dualista da natureza humana e do mundo: tudo o que é natural e humano tende a ser considerado de modo pejorativo, representa aquilo que é pecado e maléfico. O santo, o puro, o virtuoso está no plano oposto, no sobrenatural, no espiritual, plano do divino e da santidade.

Isto quer dizer que todas as nossas ações devem ser ditadas pelos diferentes 'slogans' do movimento Focolare, tais como 'unidade', 'Jesus no meio', 'Jesus abandonado'. Eles nos mandavam ter sempre estas idéias em mente. Sempre. Durante o tempo todo, de modo que, no

final das contas, todos e quaisquer pensamentos ou sentimentos pessoais fossem expulsos de dentro de nós. Isso era particularmente verdadeiro com respeito aos relacionamentos. Sentir amor pelos outros era 'humano' e ruim. A abordagem 'sobrenatural' consistia em 'ver Jesus' nos outros, em um sentido muito literal, quase impondo Sua imagem como alvo de nossa atenção: 'para sobrenaturalizar nossa maneira de ver' (URQUHART, 2002, p. 53-4).

Desse modo, não é preciso haver sinceridade, no sentido de uma congruência pessoal entre pensamentos, sentimentos e ações, pois o que importa pensar, sentir, dizer, fazer, é ditado pelo movimento. A consequência desse amor sobrenatural é uma ideologia de desvalorização do indivíduo em sua singularidade, aspecto comum nestes movimentos religiosos. Seu proselitismo acirrado afasta também qualquer tipo de espontaneidade, pois os recrutas potenciais, sobretudo os jovens, são procurados com insistência e tenacidade, através de visitas contínuas, telefonemas e atividades, sendo literalmente sitiados sem o saberem.

Estas instituições têm uma organização verticalizada e autoritária, que tende a permanecer invisível e secreta, num processo explícito de dissimulação. O vínculo do indivíduo com a instituição é real e concreto, embora se manifeste como absolutamente informal:

Oficialmente, a idéia de entrar para o Focolare, ou de se inscrever como membro, é sempre ridicularizada. Mas, na realidade, conservam-se arquivos sobre todos aqueles que já estiveram em contato com o movimento e que portanto, devem ser 'seguidos'. Estes arquivos são regularmente atualizados com nomes, endereços, participações em encontros e comentários como 'carino' ou 'caríssimo'. O Focolare já conservava arquivos secretos de seus contatos muito antes de isso estar na moda. Isso pode parecer sem grande importância, mas permite perceber um detalhe sinistro, a saber, a visão interna de como é considerado o quadro de membros do movimento e de como é avaliada a qualidade de sua filiação. Pouco tempo depois de eu ter entrado, estava trabalhando na atualização desses arquivos depois de uma importante reunião aberta. Notei que havia uma seção em que havia arquivos marcados com um grande 'M'. Quando perguntei qual o significado daquilo, responderam que era a seção referente aos que haviam deixado o movimento. A letra 'M' significa simplesmente 'Morti', ou seja, os mortos (URQUHART, 2002, p. 54-5).

No movimento Focolare, a vida consiste especialmente em encontros semanais e reuniões. Quando um novato revela algum interesse, passa a ser pressionado para participar destas atividades. Podem receber convites vagos e imprecisos quanto ao evento em que vão participar: venha conhecer amigos, costuma ser a senha, sem mencionar diretamente Deus ou religião. Tais eventos são preparados para conquistar novos membros e para aprofundar cada vez mais o engajamento daqueles que já ingressaram no grupo. Existem Encontros durante o dia, organizados em locais onde já há uma célula focolare, de modo a atrair os jovens para uma experiência de imersão total em uma Mariápolis (a Cidade de Maria) (LUBICH, 2003a, 2003b; FONDI, ZANZUCCHI, 2004), que costuma durar cinco dias:

A Mariápolis é concebida para criar um clima muito intenso. Os convidados são pressionados não somente a participar de todos os eventos organizados no pacote do programa, como também a nunca sair do local das reuniões. Por esta razão, os organizadores procuram sempre locais fechados, como os campi universitários. Mas não basta o isolamento físico. Os responsáveis pedem a todos os participantes que cortem psicologicamente todos os laços com a vida cotidiana, que deixem 'todas as suas preocupações e aborrecimentos do lado de fora da porta'. Sugestões semelhantes são dadas aos membros do Neocatecumenato em suas 'convivências' (URQUHART, 2002, p. 55-6).

Evento extremamente estruturado com base em orientações da fundadora emanadas de Roma, a Mariápolis tem um tema diferente a cada ano, escolhido por Chiara. Ali é possível uma grande variedade de manipulação de diversos tipos: busca-se criar uma atmosfera emocionalmente intensa ao redor do tema central. O programa é carregado e há pouco tempo livre.

E, mesmo durante este tempo livre, membros mais experientes ficam circulando para garantir que a conversa verse em torno do tema. O objetivo é criar uma atmosfera de euforia que absorva os novatos. Exige-se dos membros que sorriam e que permaneçam alegres o tempo todo, que fiquem 'para cima'. Todas as dificuldades e problemas devem ser escondidos. Todas as noites, a altas horas, acontecem reuniões secretas no nível mais alto para discutir casos especiais, como os daqueles que fazem perguntas delicadas ou que espalham a dissidência. Nessas reuniões, são nomeados alguns 'anjos da guarda' e preparadas táticas específicas para garantir que todo mundo tenha

'mordido a isca'. Ninguém tem consciência de estar sendo considerado um alvo específico ou que na verdade existe ali uma grande organização (URQUHART, 2002, p. 57).

Há muitas conferências e cada uma delas é precedida por músicas melódicas, doces ou animadas, de acordo com o estado de espírito que se quer induzir na assembléia. Os grupos musicais costumam demonstrar uma unidade ostensiva, trocando sorrisos em coreografias muito bem ensaiadas. Depoimentos pessoais são elementos importantes nesses encontros, em que um membro do grupo relata para a audiência sua experiência pessoal, ilustrando os pontos principais da palestra precedente.

O orador geralmente começa valorizando uma situação difícil que precisou enfrentar, normalmente envolvendo a possibilidade de um choque com outros. O tema pode evocar passagens importantes da Bíblia, ou dos escritos de Chiara Lubich e permite também pô-las em prática, e a solução surge, de preferência com uma ligeira insinuação de algo milagroso. Estas 'experiências' são sempre uma demonstração da cultura de sucessos espirituais do movimento. O final feliz é fundamental e tem sempre um cheiro de milagre. No final da Mariápolis, alguns participantes, sempre que possível cuidadosamente selecionados com antecedência, são convidados a subir ao palco para trocar 'impressões' sobre o evento. Estas 'impressões' vão então circular através das diferentes seções do movimento, criando assim uma eufórica sensação de conquista e de conversão, em nível mundial. Quando realizadas em escala menor, em grupos controlados, os relatos de 'experiências' de fato são uma técnica eficiente. Nas grandes ocasiões, entretanto, como nas Mariápolis, as experiências são utilizadas para provocar impacto emocional (URQUHART, 2002, p. 56-7).

Nesses movimentos religiosos totalitários, não há espaço para perguntas inoportunas, discussões nem para a dissidência em nenhum nível. "Táticas diversionistas são utilizadas para afastar aqueles que fazem perguntas mais delicadas ou para desviar aqueles que pedem a palavra nas sessões de grupo" (URQUHART, 2002, p. 57). Estes grupos religiosos sempre têm resposta pronta para tudo.

A principal técnica de doutrinação, dentro desse ambiente propício e totalmente envolvente especialmente montado nesses eventos, é a repetição infinita de certos pontos básicos. Não há qualquer preocupação em fazer uma

exposição logicamente concatenada ou racionalmente elaborada para convencer a audiência e obter sua adesão intelectual: os pontos fundamentais da doutrina do grupo são simplesmente proclamados e repetidos uma e outra vez. A intenção é inculcá-los na mente dos participantes. “Estas idéias e frases fundamentais devem ser ‘enfiadas’ no espírito dos membros: elas devem ficar sendo como ‘um prego na sua cabeça’.” (URQUHART, 2002, p. 58).

MOVIMENTOS RELIGIOSOS TOTALITÁRIOS NO CONTEXTO ECLESIAL CATÓLICO

Alguns grupos religiosos podem ser considerados como um tipo específico de instituição totalitária no contexto eclesial contemporâneo, como o *Opus Dei* (SOCIEDAD..., 1950; ESCRIVÁ DE BALAGUER, 1968; ZIZOLA, 1985; PRADA, 1989; ESTRUCH, 1994), os Arautos do Evangelho (DIAS, [19_ _]; DANTAS, 2003; AQUINO, 2004), o Movimento Focolare (VERONESI, 1988; URQUHART, 2002; LUBICH, 2003a, 2003b; FONDI, ZANZUCCHI, 2004), o movimento Neocatecumenato (ZOFFOLI, 1995a, 1995b, 1996; PASOTI, 1999; URQUHART, 2002) e o movimento Comunhão e Libertação (MENOZZI, 1998; URQUHART, 2002; LIBÂNIO, 2003), caracterizados por diversos autores (MARTELLI, 1995; GALINDO, 1994; COMBLIN, 1999). Esses movimentos são predominantemente leigos, não são grupos dirigidos exclusivamente por membros da hierarquia eclesiástica, mas também por mulheres e homens que pertencem ao laicato católico (COMBLIN, 1999; BRIGHENTI, 2001; LIBÂNIO, 2003).

Disciplinados, proselitistas, devotados incondicionais da Santa Sé, eles acabaram se tornando realmente a armada do Papa (URQUHART, 2002). O pontificado de João Paulo II se caracterizou por ser restauracionista e, ao mesmo tempo, expansionista (COMBLIN, 1999; BRIGHENTI, 2001). Depois do turbilhão de mudanças que se seguiram ao Concílio Vaticano II (1962-1965), seu programa como papa deveria colocar ordem no caos que se instaurou na Igreja Católica pós-conciliar: pôr um fim na evasão do clero, dos religiosos e das freiras que abandonavam a vocação; impor a obediência aos teólogos insubordinados; insistir na inculcação da doutrina oficial, sobretudo na área da moralidade sexual, considerada imutável.

No interior da Igreja, os movimentos pareceram oferecer soluções para muitos dos problemas do pontífice: produziram um número muito grande de vocações ao sacerdócio, à vida religiosa e às novas formas

de vida comunitária com estruturas próprias, reforçando assim, de maneira muito intensa, a fidelidade do Papa ao celibato sacerdotal; no que concerne à interpretação das Sagradas Escrituras e à teologia, eles são conservadores a ponto de chegarem até a uma espécie de fundamentalismo; no que se refere à moral, elas não apenas rejeitam o “relativismo” condenado por João Paulo, como ainda aplicam rigorosamente entre seus membros e no interior de sua esfera de influência pastoral os valores morais absolutistas que ele mesmo prega; eles põem a maior ênfase em um programa de introspecção espiritual, abandonando a urgência dos temas de justiça e paz, que ficam, assim, relegados a um futuro ‘mundo melhor’ que o movimento haverá de criar. [...] São centralizados em Roma, com todas as diretrizes [...] emanando do centro, usualmente o próprio fundador. O sistema de comunicação interna [...] é altamente sofisticado, acoplado a uma cadeia de comando clara e eficiente, e permite obter respostas imediatas no plano mundial. [...] congregam pessoas das diferentes categorias: crianças, jovens, casais, padres, religiosos de ambos os sexos – e até mesmo bispos. Eles constituem verdadeiras igrejas em miniatura (URQUHART, 2002, p. 19-20).

Qual é o lugar destes novos movimentos religiosos leigos no contexto e conjuntura eclesial católica contemporânea? Entendemos que eles estão alinhados com o que podemos denominar Paradigma Tridentino (LIBÂNIO, 1984, 2003; QUEIRUGA, 2003; BENELLI, 2003c). O Concílio de Trento (1545-1563) foi o elemento estruturante da sociedade da cristandade, dele emanaram prescrições que incidiram na orientação da Igreja Católica durante séculos. Lentamente, o Concílio se impôs, criando uma nova mentalidade eclesial: a Igreja que se construiu a partir do evento simbólico que foi Trento se caracterizou fundamentalmente por três aspectos: promoveu a criação de um novo imaginário social (religioso e católico); promoveu um enquadramento disciplinar uniformizando a formação do clero e produziu também um enquadramento disciplinar do cristão comum.

A eclesiologia dessa Igreja tridentina da cristandade se caracterizava por uma pastoral de manutenção fortemente cultural, sacramentalista e assistencialista. Ela estava dividida em duas classes nitidamente distintas: o clero e o laicato. O primado do culto numa perspectiva sacral acentuava a distância do povo com relação ao clero, que detinha a plenitude dos direitos, monopólio do poder e privilégios no contexto eclesial. Os leigos, embora tivessem seus direitos respeitados, não podiam participar integralmente da

cidadania eclesial: não ocupavam cargos relevantes, não tinham fórum onde manifestar sua opinião nem tinham como influir nas decisões importantes. Eles eram objetos da pastoral do clero, do qual tinham o direito de receber os bens espirituais necessários para a salvação.

O desmoronar do Paradigma Tridentino produziu uma série dialética de reações à desconstrução da Cristandade: uma tendência radicalmente dissolvente (LIBÂNIO, 1984) que propõe a completa implosão do paradigma anterior; outra tendência diametralmente oposta que pretende a reconstrução e restauração completa do paradigma em questão. Outro par de reações é constituído, por um lado, pela proposta de construção de um paradigma baseado no Concílio Vaticano II (LIBÂNIO, 1984), de matiz francamente neo-conservador, permanentemente atraída pela inércia poderosa do Paradigma Tridentino; e por outro lado, uma tendência contraditória com esta (no sentido dialético) que pretende construir um projeto baseado no pluralismo e no compromisso social libertador e transformador da realidade histórica (LIBÂNIO, 1984), procurando integrar dialeticamente fé e vida, mística e política, pessoa e instituição, norma e espontaneidade, ação e contemplação.

A partir desses cenários da Igreja Católica, podemos contextualizar os novos movimentos religiosos leigos analisados por Urquhart (2002) na vertente que visa a “reconstrução da mesma identidade tridentina” (LIBÂNIO, 1984, p.119-31): tendência de marcada orientação fundamentalista, integrista e também substancialista, essencialista. Por isso, o objetivo de tais grupos é a criação de uma neocristandade (LIBÂNIO, 1984; 2003).

Brighenti (2001) mapeia pelo menos sete vertentes no seio da experiência religiosa católica na atualidade: o catolicismo popular, o comprometido, o reacionário, o universalista, o pentecostal, o emancipado e o descomprometido. O catolicismo universalista se opõe à vertente comprometida, reforçando a tendência reacionária, seguindo um caminho bastante específico. É formada pela vasta gama dos movimentos apostólicos leigos internacionais que surgiram a partir dos anos 1970. Nos anos 1980, predominavam as pastorais populares nas Igrejas particulares mas já nos anos 1990 esses movimentos se tornaram, de modo consciente ou não, o braço direito do catolicismo reacionário.

Isso não quer dizer que seus membros sejam necessariamente reacionários. Recrutados sobretudo nas camadas de classe média, são gente de boa vontade e imbuídos de verdadeiro espírito missionário, o que não impede de estarem enquadrados num movimento de perspectiva

muito particular, recebida de fora, e da qual estão em função (BRIGHENTI, 2001, p. 18).

Há movimentos menos institucionalizados e outros corporativamente estruturados, como, por exemplo, o Opus Dei, os Arautos do Evangelho, Comunhão e Libertação, Neocatecumenato, Focolare etc. (MARTELLI, 1995, p. 392). Tendem a ser predominantemente espiritualistas, preocupados com a identidade católica e sua eclesiologia é centrípeta, avessos à presença da Igreja no mundo pluralista, considerado uma ameaça que dissolve a identidade católica. São dotados de doutrina e catecismo, mas têm pouca consistência teológica.

Como são movimentos supra diocesanos e supranacionais, a metodologia de trabalho é importada e sua ação se dá, normalmente, de forma paralela às atividades das Igrejas locais. Essa autonomia em relação à Igreja local vai do extremo de constituir-se numa prelazia pessoal, até a ter seu próprio clero e as próprias estruturas de formação e ação. Teologicamente, eles subvertem a eclesiologia do Vaticano II e levantam a dúvida se um dia buscarão abrigar-se no seio de uma Igreja Particular (BRIGHENTI, 2001, p. 19).

De acordo com Libânio (2003), por um lado, vários desses movimentos questionam uma evangelização como função específica da hierarquia, enquadrada numa instituição demasiado clericalizada. Mas tendem a adotar uma conduta proselitista agressiva, combatem na conquista dos católicos afastados e aí coincidem com as práticas autoritárias tradicionais do clero, também exalando triunfalismo. Vários grupos tendem a um fechamento que incide até no fanatismo.

OPERADORES INSTITUCIONAIS PRODUTORES DE FANATISMO RELIGIOSO

De uma perspectiva psicossocial, interessa investigar quais são os instrumentos, os operadores institucionais utilizados pelos grupos religiosos na preparação e formação de seus membros. Normalmente, as diversas instituições sociais, a Igreja Católica inclusive, exercem influência sobre as pessoas. Mas geralmente, há uma grande margem de liberdade pessoal no mundo contemporâneo, o que é muito diferente de uma ressocialização completa do indivíduo, num processo de matiz fanatizante.

Um elemento importante dessa tecnologia é o controle ambiental total, que é possibilitado pelo enclausuramento (retirando o indivíduo do seu ambiente social habitual), permitindo controlar e supervisionar tudo o que o indivíduo vê, ouve, lê, escreve, faz, diz, inserido num programa intenso, detalhado, meticoloso, sem brechas, mantendo-o permanentemente ocupado. Assim o indivíduo não consegue parar nem por um momento apenas, sem chance de decidir se realmente quer de fato aquela experiência de imersão total. É possível criar uma atmosfera específica no claustro por líderes que exercem uma pressão constante que mantém todos os participantes no clima adequado. Inclui ainda a tutela econômica, mecanismos de controle sobre a organização dos novatos internados, mecanismos ideológicos de controle institucional (produtores de medo e de resignação social) e o controle da informação.

O condicionamento ou manipulação do comportamento geral, incluindo gestos, ações, pensamentos, sensações padronizados, ensinados e exigidos de modo visível, pode ser considerado uma tática. Um alto grau de mudança interior do novato é explicitamente desejado pela equipe dirigente. Ele deve não apenas obedecer às ações padronizadas, mas seus estados de ânimo e sentimentos íntimos são preocupação oficial. Costumam ser altamente considerados e constantemente monitorados por meio de diferentes técnicas: ele deve aceitar ativamente e manifestamente os padrões impostos pela equipe dirigente. Os movimentos religiosos fanatizantes exigem, além do assentimento total ao grupo e ao seu repertório comportamental e ideológico completo, a expressão pública adequada que permite verificar o sucesso da adesão completa e da eficácia da ressocialização empreendida. Tornando-se instrumentos de sua própria mística, os líderes criam uma aura de misticismo ao redor dos operadores de manipulação, da própria instituição do grupo, apelando para sua origem divina, reforçando a crença na doutrina do movimento.

Como o movimento já encontrou a Verdade definitiva, uma de suas exigências consiste na ortodoxia doutrinal radical: há uma grande ênfase na pureza e manutenção da mensagem original. A inculcação da doutrina do grupo é intensa e permanente. Em seu totalitarismo ideológico, ela contém a perspectiva moral correta capaz de reordenar completamente a existência humana, tanto na dimensão espiritual, quanto política e econômica. Há um constante apelo à repetição contínua das fórmulas originais enunciadas pelo líder fundador, receptor e portador do carisma original, primeira e única fonte, pedra angular da crença do grupo. Ele é o modelo de perfeição inatingível para seus discípulos, o que lhes provoca uma freqüente sensação de fracasso pessoal, vergonha e inclusive, culpa. Uma consequência possível é que o indivíduo venha a perder sua estima pessoal, a noção do seu próprio valor, e sua autoconfiança.

Um outro elemento desse arsenal é a prática da confissão pública, numa exposição total do indivíduo ao grupo, recebendo as mais diversas denominações: capítulo de culpas, correção fraterna, momento da verdade etc. O objetivo é a revelação do indivíduo, simbolizando sua entrega e rendição integrais, expressando sua fusão completa com o ambiente. Usualmente, numa reunião do grupo, o próprio indivíduo pode acusar-se publicamente de seus pecados e falhas de toda ordem, ou então seus confrades lhe apontam seus erros e defeitos, acusando suas faltas e depois podem também comentar seus pontos positivos e virtudes pessoais. Por um lado, essa técnica manifesta de modo subliminar que o movimento detém a propriedade completa de todos os indivíduos que o compõem, por outro, torna-se ocasião para reforçar as virtudes típicas ensinadas pelo grupo e também para corrigir e eliminar defeitos e comportamentos indesejáveis. As entrevistas periódicas com os superiores, ocasião de inspeção da intimidade pessoal, nas quais se pode ser interrogado sobre todo e qualquer tópico, inclusive os mais particulares, também são uma forma de confissão.

Cada movimento tende a criar uma “língua da tribo”, em que a linguagem tem um papel relevante: trata-se do jargão do movimento. Os conceitos ideológicos do grupo se transformam em verdadeiros atalhos mentais, conferindo-lhe coesão, unidade e especificidade (ZAMBONI, 2004; FONDI; ZANZUCCHI, 2004). Rivalizar entre si no uso de *slogans* do movimento funciona com indicador do grau de filiação e de sentimento de pertença. A restrição do vocabulário também limita a capacidade de refletir e de sentir, num processo de condicionamento mental e emocional.

Uma determinada concepção padronizada do que é a pessoa humana também é um fenômeno típico dos diversos movimentos religiosos. Esta perspectiva de uma especificidade determinada do que é a natureza humana torna-se normativa: o objetivo é plasmar um novo ser humano, modelando e modificando seu comportamento e consciência, transformando até a imagem que o indivíduo tem de si mesmo. Ao ingressar no ambiente controlado do enclaustramento, todas as experiências passadas do indivíduo são reexaminadas e reinterpretadas. É por isso que o encontro com o movimento transforma-se num divisor de águas, limiar que marca um antes, de perdição, e um depois de iluminação completa.

A vida no contexto institucional de um grupo ou movimento religioso torna-se capaz de imprimir um novo sentido à vida do indivíduo. Sua filiação passa a ser o determinante fundamental de sua existência. Através de um processo de desconstrução e dissolução pessoal, ele se funde com o grupo, que pode lhe conceder o direito e o dom de existir: é o movimento que lhe confere, autentica ou não, seu ser, sua vida como membro da organização. A existência

do indivíduo é reconhecida, confirmada ou não pela equipe dirigente/formadora, capaz de reconhecer a transformação pessoal na direção do padrão exigido. Não ser reconhecido, visto, significa estar no limbo, morto, sem direito a existir. O grupo tem capacidade para estabelecer um circuito auto-regulado de mútua proteção, num processo de institucionalização integral.

O enclausuramento permite a correção do indivíduo, num processo (re)educativo direcionado através da formação de hábitos. Esta estratégia permite conhecer o indivíduo por meio de sua observação cotidiana. A equipe dirigente da instituição pode conhecer a personalidade e a forma de agir do candidato, aplicando a formação sobre seu corpo. Os instrumentos utilizados são usualmente a coerção, esquemas de limitação aplicados repetidamente (horários, distribuição do tempo e do espaço, hábitos obrigatórios, atividades regulares, silêncio, meditação solitária, exposições pessoais ao grupo, doutrinação etc.). Resumindo, podemos afirmar que estes movimentos, sabendo ou não o que fazem, estão utilizando uma tecnologia tipicamente totalitária (GOFFMAN, 1987) e os recursos que Foucault (1999, p. 143-61) mapeia na consecução institucional e social do bom adestramento: vigilância hierárquica, sanção normalizadora e práticas de exame.

Num próximo trabalho apresentaremos um estudo de caso, exemplificando, através do percurso de um indivíduo no Movimento Focolare, o modo de funcionamento totalitário desses movimentos religiosos. Vamos acompanhar seu ingresso no grupo e a aplicação dos procedimentos institucionais que descrevemos neste artigo. Estudando sua carreira moral (GOFFMAN, 1987) procuraremos verificar os efeitos desse movimento religioso em termos de produção de subjetividade (COSTA-ROSA, 2000).

Referências

- AGUIAR, W. M. A pesquisa em psicologia sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G.; FURTADO, O. (Org.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 129-140.
- AQUINO, J. M. *Boletim Informativo da Associação Cultural Nossa Senhora de Fátima*, São Paulo, n. 20, 2004.
- BENELLI, S. J. O internato escolar como instituição total: violência e subjetividade. *Psicologia em Estudo*, v. 7, n. 2, p. 19-29, 2002.
- BENELLI, S. J. Dispositivos disciplinares produtores de subjetividade na instituição total. *Psicologia em Estudo*, v. 8, n. 2, p. 99-114, 2003a.
- BENELLI, S. J. *Pescadores de homens: a produção da subjetividade no contexto institucional de um Seminário Católico*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras – Unesp, Assis, 2003b. Não-publicada.

- BENELLI, S. J. Paradigmas eclesiais e sua incidência no processo formativo sacerdotal. *Pós-História*, Assis, v. 11, p. 249-274, 2003c.
- BENELLI, S. J.; COSTA-ROSA, A. A produção da subjetividade no contexto institucional de um Seminário católico. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 19, n. 2, p. 37-58, 2002.
- BENELLI, S. J.; COSTA-ROSA, A. Geografia do poder em Goffman: vigilância e resistência, dominação e produção de subjetividade no hospital psiquiátrico. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 20, n. 2, p. 35-49, 2003a.
- BENELLI, S. J.; COSTA-ROSA, A. Estudo sobre a formação presbiteral num seminário católico. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 20, n. 3, p. 99-123, 2003b.
- BRIGHENTI, A. *A igreja do futuro e o futuro da Igreja*: perspectivas para a evangelização na aurora do terceiro milênio. São Paulo: Paulus, 2001.
- CASTEL, R. *A ordem psiquiátrica: a idade de ouro do alienismo*. Tradução de M. T. C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- COMBLIN, J. O cristianismo no limiar do terceiro milênio. In: CALIMAN, C. (Org.). *A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- COSTA-ROSA, A. O modo psicossocial: um paradigma das práticas substitutivas ao modo asilar. In: AMARANTE, P.D.C. (Org.). *Ensaços de loucura & civilização*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. p. 141-168.
- DANTAS, A. R. *Revista Arautos do Evangelho*, São Paulo, n. 23, nov. 2003.
- DIAS, J. S. C. *Arautos do evangelho: ordo de costumes*. São Paulo: Nakano, [19_ _].
- ESCRIVÁ DE BALAGUER. *Questões atuais do cristianismo*. Tradução de A. M. São Paulo: Quadrante, 1968.
- ESTRUCH, J. *Santos y pillos: el Opus Dei y sus paradojas*. Barcelona: Herder, 1994.
- FONDI, E.; ZANZUCCHI, M. *Um povo nascido do Evangelho: Chiara e os focolares*. São Paulo: Paulus, 2004.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de R. Ramalheite. Petrópolis: Vozes, 1999. (Original publicado em 1975).
- GALINDO F. *O fenômeno das seitas fundamentalistas*. Tradução de J. M. Almeida. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. Tradução de D. M. Leite. São Paulo: Perspectiva, 1987. (Original publicado em 1961).
- LACAN, J. *O mito individual do neurótico*. Portugal: Assírio e Alvim – Cooperativa SCARL, 1980.
- LIBÂNIO, J. B. *A volta à grande disciplina*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1984.
- LIBÂNIO, J. B. *Olhando para o futuro: prospectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2003.
- LUBICH, C. *Meditações*. 9. ed. São Paulo: Cidade Nova, 1987.
- LUBICH, C. *Diário de viagem 1964-1965*. São Paulo: Cidade Nova, 1991.
- LUBICH, C. *Cada momento é uma dádiva de amor: reflexões sobre viver o presente*. Tradução de I. B. Silva. São Paulo: Cidade Nova, 2003a.
- LUBICH, C. *Ideal e luz: pensamento, espiritualidade, mundo unido*. Tradução de I. B. Silva. São Paulo: Brasiliense/Cidade Nova, 2003b.
- MARTELLI, S. *A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. Tradução de E. M. Balancin. São Paulo: Paulinas, 1995.

- MENOZZI, D. *A Igreja Católica e a secularização*. Tradução de T. Belli. São Paulo: Paulinas, 1998.
- PASOTI, E. (Org.). *O caminho neocatecumenal segundo Paulo VI e João Paulo II*. Tradução de O. S. Moreira. São Paulo: Loyola, 1999.
- PRADA, A. V. *O fundador do Opus Dei Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer (1902-1975)*. Tradução de E. Gama. São Paulo: Quadrante, 1989.
- QUARTANA, P. *Economia de comunhão: propostas e reflexões para uma cultura da partilha, a cultura do dar*. Tradução de J. B. Florentino e J. M. Almeida. São Paulo: Cidade Nova, 1992.
- QUEIRUGA, A. T. *Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte*. Tradução de A. M. L. Soares. São Paulo: Paulus, 2003.
- REY, F.G. *La investigación cualitativa em Psicología: rumbos y desafios*. São Paulo: Educ, 1999.
- SOCIEDAD Sacerdotal de La Santa Cruz y de La Obra de Dios. *Constituciones: Sociedad Sacerdotal de la Santa Cruz y de la Obra de Dios. Los estatutos secretos del Opus Dei*. Roma: Tiempo, 1950.
- URQUHART, G. *A armada do papa: os segredos e o poder nas novas seitas da Igreja Católica*. Tradução de Irineu Guimarães. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- VERONESI, S. *E a vida renasce entre as bombas*. São Paulo: Cidade Nova, 1988.
- ZAMBONI, D. *O Evangelho não falha: fatos do dia-a-dia*. Tradução de I. B. Silva. São Paulo: Cidade Nova, 2004.
- ZANZUCCHI, M. *A clara luz de Chiara Luce: 18 anos de plenitude*. Tradução de L. S. Almeida. São Paulo: Cidade Nova, 2004.
- ZIZOLA, G. *La restaurazione di Papa Wojtyła*. Roma: Laterza, 1985.
- ZOFFOLI, E. *Eresie del cammino neocatecumenale*. Udine: Segno, 1995a.
- ZOFFOLI, E. *Catechesi neocatecumenale e ortodossia del Papa*. Udine: Segno, 1995b.
- ZOFFOLI, E. *Verità del Cammino neocatecumenale*. Udine: Segno, 1996.

Abstract: our research studies the subjectivity production in Catholic institutions and establishment dedicated to its members' religious formation. We analyze the common aspects of some religious movement and their general and formatives practices. Nowadays, Religious movements, in Catholic ecclesiastic milieu, can be described by fanaticism, vigorous and sudden growing, absence of accounting for, obscurely inner structure. We elaborated an analysis of institutional disposal and its psycho-social effects.

key words: Psychology and catholic religion, religious movements, subjectivity production, fanaticism

SÍLVIO JOSÉ BENELLI

Doutorando em Psicologia Social na Universidade de São Paulo. E-mail: <sjbewelli@yahoo.com.br>